

Regional

PEÇAS ANTIGAS

Relíquias escondidas em paióis de sítios e fazendas

Peças como secador de café e até cápsulas de bala de canhão revelam parte da história dos colonizadores de três municípios capixabas

Nilo Tardin
COLATINA

Elas estão cheias de histórias. Os velhos paióis de sítios e fazendas escondem debaixo da poeira acumulada durante anos relíquias que contam um pouco da vida dos primeiros colonizadores dos municípios de Colatina, Marilândia e São Roque do Canaã, no Noroeste do Espírito Santo.

São o alvo principal dos “caçadores de relíquias” que costumam vasculhar esses locais em busca de objetos antigos, fotos, livros e todo tipo de tralha de famílias de oito países que vieram para o Espírito Santo no final do século XIX.

Atrás de raridades há mais de 20 anos, o comerciante Lucas Passamani, de 58 anos, abriga no galpão do secador de café da família, em Marilândia, uma coleção de quatro mil peças da era da imigração europeia em massa para o Brasil.

“Garimpar peças antigas é sempre uma surpresa. Muitas ficaram esquecidas durante décadas nos sítios e fazendas. Aqui estão salvas de virar ferro-velho ou serem jogadas fora”, diz Lucas.

Ele sabe exatamente onde está cada peça do rico acervo composto por mais de 100 rádios a válvula,



EDIRLAN ROSSI, 66: objetos raros



O CAÇADOR de relíquias Lucas Passamani, de 58 anos, mostra a capa de balas de canhão da 2ª Guerra Mundial

uma candeia de iluminação com mais de um século, dezenas de relógios e máquinas de costura, moinhos, instrumentos de prisão e tortura de escravos rebeldes, e até duas cápsulas de balas de canhão da 2ª Guerra Mundial.

“Ganhei do ex-senador Gerson Camata as carcaças de balas de artilharia”, conta Lucas.

Em Colatina, o paiol de madeira construído nos anos de 1900 no distrito de Boapaba ainda guarda as polias de madeira do gerador que iluminou a Fazenda Rossi no começo do século XX.

“A fazenda tinha luz própria antes de Colatina. A família está aqui desde 1887”, diz o produtor rural Edirlan Rossi, 66 anos. Também estão lá objetos raros como as cangas e o eixo gigante de madeira do carro de boi.

No sítio da família Bosi, em São Roque do Canaã, ferramentas antigas e uma curiosa máquina de fabricar bolas de pau, tocada a pedal, continuam funcionando.

Castiçais para o Papa

Ainda intacta, a máquina usada para fabricar bolas de pau destinadas ao jogo preferido dos italianos e descendentes de São Roque do Canaã: a bocha. Ela faz o mesmo serviço de quando era usada pelo



MOACYR mostra peças artesanais

marceneiro Leonardo Bonato.

Leonardo morreu aos 47 anos. Porém suas ferramentas artesanais continuam guardadas na caixa em um quartinho do sítio da família Bosi, no distrito de São Jacinto, em São Roque do Canaã.

O casal Moacyr Abisai Bosi, 76, e Aladia Stela Bonato, 72, faz questão de manter inteira a máquina com que o marceneiro fazia os conjuntos de bolas de pau e até castiçais de madeira que foram parar em Roma como presente para o papa Paulo VI, em 1968.

“Meu avô, Emílio Bonato, fazia as ferramentas conforme um artista italiano que chegou a São Roque lhe ensinou a fazer. Meu pai, Leonardo, pegou gosto e começou a trabalhar no ramo. Era habilidoso e fazia muita coisa bonita. Criou os 13 filhos com essa arte, por isso faço questão de guardar tudo em sua memória”, destacou Aladia.

Lavrador guarda objeto da época do desbravamento

Aos 87 anos, o lavrador Antônio André Rodrigues mantém guardadas com carinho as últimas recordações de quando chegou ao distrito de Sapucaia, em Marilândia, junto com o pai Altivo e mãe Maria Emília, vindos de Itaperuna, no Rio de Janeiro.

Tinha 16 anos quando se embrenharam na mata em Marilândia, ainda distrito de Colatina, para cultivar café e formar a lavoura na base da foice, machado e serroteões.

Casou-se com dona Onivaldina. Logo vieram os filhos Arlindo, Jair, Isabel, Maria Helena e Gilmar, mas não parou de trabalhar diariamente na roça. “Muita coisa foi perdida. O que está guardado é lembrança da nossa história. Não está à venda”, disse o seu Antônio.

Ele ainda guarda pelo menos cinco bicicletas raras, com mais de 70 anos, o debulhador de milho, a roda de tocar o moinho de farinha, o amolador de facas, os punhais e até a espingarda “papo amarelo” de caça, da época do desbravamento, quando a alimentação era escassa.



ANTÔNIO ANDRÉ: “Nossa história”

Acervo de 4 mil peças pode virar museu em Marilândia

É tanta coisa antiga entulhada pelos cantos do galpão do secador de café que o espaço já ficou pequeno para Lucas Passamani guardar tantas peças raras.

Um relógio de louça com mais de 400 anos é a peça mais antiga que Passamani conserva no seu acervo. O maior objeto é um carro de boi de 100 anos, doado pela família Sathler, vindo de Minas Gerais.

O vereador de Marilândia Tenório da Silva, 55, diz que na hora em que o município quiser criar o museu da imigração de Marilândia com as quatro mil peças de Passamani, o caminho já está aberto.

Um projeto de sua autoria, aprovado na Câmara de Vereadores em 2010, autoriza a Administração a transferir o acervo particular para o patrimônio público. “A ideia está em estudo pela prefeitura. A coleção é uma fonte de pesquisa que precisa ser protegida”, defendeu.

CURIOSIDADES



DEBULHADOR DE MILHO, uma das relíquias guardadas pelo lavrador Antônio André Rodrigues, de Marilândia.



AMOLADOR DE FACAS, outra raridade mantida pelo lavrador Antônio André Rodrigues no distrito de Sapucaia.



BALANÇA DE PESO do acervo de quatro mil peças antigas do comerciante Lucas Passamani, de Marilândia.



LUCAS PASSAMANI mostra uma balança romana, de mais de 200 anos, e um rádio de cerca de 100 anos.